



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

“ISSO TEM QUE MUDAR! MENINA E MENINO PODEM FAZER AS MESMAS COISAS”: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Eixo Temático 09 - CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: BRECHAS E OUTROS POSSÍVEIS CONTRA-HEGEMÔNICOS

Mac Cleide de Jesus Braga Amaral ¹
Marcos Lopes de Souza ²

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado e objetiva fazer a análise de uma das ações desenvolvidas durante uma parceria colaborativa entre uma pesquisadora, uma docente e 28 estudantes do 5º ano. As atividades versavam sobre as questões de corpo, gênero e sexualidade no ensino de Ciências. Tem como foco uma ação específica, intitulada “marcadores de gênero” e revisitaremos sucintamente algumas experiências que perpassaram as limitações e os fatores potencializadores da parceria. A análise se respalda nos referenciais pós-estruturalistas. Foi perceptível a demonstração de estranhamento às transgressões propostas nos textos explorados e a hegemonia das normas existentes em nossa cultura. No entanto, notamos que as(os) discentes se envolveram e problematizaram dos conhecimentos específicos.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Ensino de Ciências, Pesquisa colaborativa, Anos iniciais do ensino fundamental.

Introdução: problematizando os marcadores de gênero

O enunciado que intitula este texto: *“isso tem que mudar! menina e menino podem fazer as mesmas coisas”*, se refere à fala de um estudante durante uma ação desenvolvida em uma pesquisa de mestrado, que será discutida no decorrer deste artigo. Ao abordarmos acerca das marcas de gênero impostas cultural e socialmente e os papéis e funções consideradas de meninas e meninos, a respectiva fala demonstra a transgressão dos

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores de Ciências e Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-BA, mac.jbamaral@gmail.com;

² Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-BA, marcos.lopes@uesb.edu.br;



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

padrões tradicionais de gênero, que não são os mais adequados para homens e mulheres (Jeffrey Weeks, 2003).

Além de focar na experiência de uma parceria colaborativa entre uma docente e uma pesquisadora em sala de aula, esta pesquisa busca problematizar as marcas de gênero por meio da narrativa de livros como *Príncipe Cinderelo* (Cole, 2002) e *Feminina de menina, masculino de menino* (Leite, 2011). Os diálogos emergentes e as reações das(os) estudantes às propostas de leitura revelam os dilemas entre aceitar os estereótipos previamente estabelecidos e vislumbrar novas possibilidades identitárias (Butler, 2003).

Além disso, o texto destaca a importância da parceria colaborativa para a formação docente continuada/permanente, quando apresenta sucintamente algumas vivências da parceria colaborativa e como as experiências reverberaram. Desse modo, este trabalho não apenas aponta para a necessidade de repensar as representações de gênero na educação, mas também ilustra a riqueza dos diálogos gerados entre a pesquisadora, docente e discentes, demonstrando que as práticas educativas podem se tornar um ato de resistência e transformações.

Caminho metodológico

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, respaldando-se em Minayo (2007), pois deseja compreender questões peculiares, ao trabalhar com o universo das crenças, valores, significados, ideias e comportamentos. A proposta de ação colaborativa foi embasada em Ibiapina (2008), que destaca a importância da participação, colaboração e reflexão crítica, fundamentando-se em princípios formativos.

A proposta mencionada foi desenvolvida durante a última unidade do ano letivo de 2014, ao longo de, aproximadamente, três meses. O desenvolvimento envolveu uma reunião, quatorze encontros para discutir as ações educativas, oito aulas de quatro horas cada, além de uma entrevista final com a professora participante, totalizando vinte e quatro encontros de natureza formativo-investigativa. A ação analisada neste texto, respalda-se no encontro N, 5ª aula, realizada no dia 04.12.2014 e teve como tema: marcadores de gênero.

A aula durou 4h, foi previamente planejada com a seguinte estrutura: apresentação de jogral com base no livro de literatura: *Feminino de menina e masculino de menino*; leitura e problematização do livro *Príncipe Cinderelo*; atividade escrita individual - preenchimento de ficha com base em conhecimentos prévios; montagem de painel



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

coletivo – construção e interpretação de discursos, com perguntas sobre o que pode ou não ser feito por meninas e meninos.



No contexto da pesquisa colaborativa, utilizamos o diário de campo e um gravador para registrar falas, informações, ideias e reflexões relevantes, possibilitando transcrições e análises posteriores. Para a análise das informações, adotamos a Análise Textual Discursiva (ATD), conforme Moraes e Galiazzi (2011), com o objetivo de explorar e interpretar significados, com base na leitura de um conjunto de textos, gerando novos entendimentos sobre os discursos.

Neste artigo, as análises serão apresentadas em duas seções: a) marcadores de gênero, focando nas problematizações da temática discutida e b) as experiências que perpassaram as limitações, os fatores potencializadores e as contribuições advindas da respectiva parceria na formação docente continuada.

A tentativa de transgredir os padrões tradicionais de gênero

Nesta ação focada nas discussões acerca dos marcadores de gênero, notamos o estranhamento e comparações das(os) estudantes, quanto ao gênero e papéis da personagem que intitula o livro *Príncipe Cinderelo*, trabalhado pela docente, como demonstrado em suas falas: “*Príncipe Cinderelo? Não é Cinderela? Mas, isso não é coisa de menina?*”, “*Oxe! eu sabia que a Cinderela perdia o sapato e esse príncipe vai perder o que? (risos)*”, “*Como pode uma princesa feia?*”, “*E é ela que vai pedir ele em casamento? Não é o homem que faz isso?*”.

Oliveira e Ferrari (2021) salientam que as características de homens e mulheres são construídas cultural e historicamente, resultando em modos binários de existir a partir do sexo/gênero. As falas das(os) estudantes acima evidenciam a força dos padrões e normas de gênero cultural e socialmente reiteradas.

Para além, parece haver “naturalmente” a demonstração de estranhamentos às transgressões propostas no texto lido pela professora, fator que não invalida a proposta realizada, pois para os autores, é importante questionar o modo de produzir e compreender os gêneros, pois os corpos e sujeitos transcendem o binarismo de gênero.

Outro material paralelamente explorado pela docente foi o livro da autora Márcia Leite “*Feminina de menina, masculino de menino*”. A leitura tinha como objetivo

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Sustentabilidade

provocar e repensar as construções de gênero, raça e sustentabilidade de meninas e aos meninos, ao construir um gráfico coletivo e, em seguida, problematizar o resultado.

As perguntas feitas pela professora para a construção do gráfico eram as seguintes: “Menino pode brincar de boneca?”, “Menina brinca de carrinho?”, “Menino pode fazer balé?”, “Menina brinca de gude e de futebol?”, “Essas escolhas definem se uma pessoa é homem ou mulher?”. A maioria respondeu positivamente para as quatro primeiras perguntas e argumentaram não ter nada contra. Ao final, dos 22 presentes, 21 entenderam que essas funções não definem se uma pessoa é mulher ou homem. Posteriormente à atividade e questionamentos da docente, entre as falas da turma, destacamos as seguintes: “Isso tem que mudar, tanto um como outro podem fazer a mesma coisa”, “As brincadeiras não têm receita”, “Homem pode gostar de homem, também”.

A professora questionou sobre os preconceitos e as violências, frisando que as pessoas estão cada vez mais violentas, chegando a matar por qualquer coisa e que essas questões têm que ser mais discutidas e pensadas desde a infância. Nesse sentido, a problematização incitada por Marina³ promoveu discussões que desafiaram a reprodução de normas, propondo novas formas de reconhecer a diversidade e as identidades, questionando uma pedagogia unilateral (Oliveira; Ferrari, 2021).

Revisitando experiências: limitações e fatores potencializadores advindas de uma parceria colaborativa

Abordar acerca da respectiva ação, permitiu que revisitássemos as experiências vivenciadas que permearam distintos contextos durante a parceria colaborativa e os principais aspectos analisados no texto da dissertação, respectivamente, as limitações, os fatores potencializadores e as contribuições advindas da parceria colaborativa.

Para Jorge Larrosa Bondía (2011), na experiência, o sujeito não apenas vivencia algo, mas também passa por uma transformação significativa. Essa vivência forma e transforma, portanto, há conexão entre experiência e formação. Desse modo, a experiência pode ou não ser resultado da formação ou transformação do sujeito.

³ Nome fictício escolhido pela própria professora participante da pesquisa. Exceto o nome da autoria, quaisquer outros nomes citados neste texto são fictícios, com a finalidade de preservar o anonimato das(os) participantes.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Em tal sentido, ao pensarmos em práticas educacionais vivenciadas durante a parceria colaborativa, percebemos que estão ligadas a enfrentamentos, normas sociais, resistências e silenciamentos que permeiam a formação docente, como expõe a professora Marina: *“Pra mim mesmo é algo novo! [...]”, “[...] eu nunca tive acesso a questão de sexualidade através da escola [...]”*.

Houve destaque para o medo de que abordar questões de gênero seja interpretado como promoção de “ideologias” ou uma ameaça às produções de gênero considerados naturais: *“[...] eu ficava com medo de não saber abordar e querer induzir alguma coisa [...]”*. A professora Marina expressa inquietação ao refletir sobre novas masculinidades e feminilidades e demonstra preocupação ao tratar de temas como intersexualidade, por conta do estranhamento diante do entendimento social de anormalidade.

Além da insegurança, da tensão e do medo, outras preocupações perpassaram a colaboração, como o temor de que discutir marcadores sociais de gênero seja visto como uma tentativa de subverter normas, consagradas socialmente. Diante disso, é fundamental entendermos a parceria colaborativa como um processo dinâmico, que exige fundamentos essenciais para a produção conjunta de conhecimentos, como confiança, respeito mútuo e tolerância (Ibiapina, 2008).

No que diz respeito aos fatores que potencializaram a colaboração, acreditamos que a parceria foi viável devido ao perfil da professora, à amizade anterior com a pesquisadora, sua relação com o filho, o aceite das famílias e sua relação com as(os) estudantes, como são explicitadas nas falas de Marina a seguir: *“[...] aceitei assim, mais pela questão da amizade”*, *“Não era uma coisa que me chamava atenção não, veio me chamar atenção depois da maternidade”*, *“[...] todas aceitaram! [...] Uma mãe diz que era maravilhoso, pois não conseguia falar desse tema com a filha, tinha vergonha[...]”*, *“Eu acho que a turma que ajudou, para que a temática e a proposta tivesse dado certo, porque a turma era muito boa, aberta, participativa”*.

Ibiapina (2008) ressalta que a colaboração se torna evidente em situações dialógicas, na interação entre pares. Assim, é fundamental reconhecer a abertura de Marina para discutir temáticas complexas, mesmo sem uma formação específica. Acreditamos que a relação prévia com a pesquisadora e as vivências levaram a refletir sobre a importância de abordar questões de corpos, gêneros e sexualidades na formação docente e nas práticas pedagógicas do ensino fundamental.



Algumas considerações

A pesquisa colaborativa desenvolvida pela pesquisadora em parceria com a professora sobre gênero, corpo e sexualidade sublinha a relevância de discutir essas temáticas desde os primeiros anos escolares. Os resultados mostraram que, ao promover um ambiente de diálogo mediado e reflexivo, é possível desconstruir estereótipos de gênero profundamente enraizados e fomentar uma educação problematizadora.

Ao revisitarmos as experiências que reverberaram a partir da parceria colaborativa, percebemos que a formação voltada para as questões de corpos, gêneros e sexualidades teve várias limitações, mas também, teve fatores potencializadores e diferentes contribuições e aprendizagens.

Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLE, Babette. **Príncipe Cinderelo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Liber Livros, 2008.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, dez. 2011.
- LEITE, Márcia. **Feminina de menina, masculino de menino**. Leya Didáticos, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; Gomes, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2ª. ed. rev. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FERRARI, Anderson. “No meu tempo, [...] haveria um respeito ao sexo e a gênero das pessoas”: Reiteraões das normas de gênero e da heteronormatividade no currículo escolar. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 194-220, jan./abr. 2021.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003, p. 35-82.